

A escrita em conjunto na literatura policial brasileira: um olhar sobre os arquivos de João Condé

Taynara LeszczynskiⁱIsabelle Maria Soaresⁱⁱ

RESUMO

O presente artigo tem como intuito analisar a técnica da escrita em conjunto na literatura policial em dois romances nacionais: *O homem das três cicatrizes* e *O mistério dos MMM*, ambos organizados pelo jornalista João Condé, a partir da seguinte dinâmica: cada autor era responsável por um capítulo, que deveria dar sequência à narrativa do anterior. Considera-se essa forma de conceber uma história como um gesto inovador para o gênero detetivesco, haja vista que se criou, de certo modo, um jogo com os conceitos de autor - leitor - detetive, pois para escrever a sua parte, o escritor tinha que antes ler a de seu colega, bem como, buscar decifrar de forma mais precisa o mistério que vinha se construindo, em prol de escrever uma boa continuidade. Como os dois romances foram publicados primeiramente em jornal, também observamos os significados que ecoam dessa conexão, como a técnica do *cliffhanger* e o estilo narrativo mais sucinto/direto. Não obstante, destaca-se também que este trabalho é um resgate histórico-literário, uma vez que, por não fazerem parte da obra principal de cada um dos autores do grupo, tais romances acabaram sendo esquecidos.

Palavras-chave: Literatura brasileira; Literatura policial; Folhetim.

ABSTRACT

This article aims to analyze the technique of collaborative writing in detective novel through two national novels: *O homem das três cicatrizes* and *O Mistério dos MMM*, both organized by the journalist João Condé, based on the following dynamic: each author was responsible for a chapter, which should follow the narrative of the previous one. This way of conceiving a story is considered an innovative gesture for the detective genre, since a game was created with the concepts of author - reader - detective, for writing his/her part, the writer had to read the chapter of his/her colleague and try to decipher more precisely the mystery that was being built, in order to write a good continuity. As the two novels were first published in newspaper, we also note the meanings that echo from this connection, such as the *cliffhanger* technique and the more succinct/direct narrative style. However, we also highlight that this work is a historical-

ⁱ Professora de Literatura e Língua Inglesa na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Doutoranda em Estudos Literários, na Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: taynaraleszczynski97@hotmail.com

ⁱⁱ Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) com bolsa CAPES/PROEX. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0003-0798> | isamariares@gmail.com

literary rescue, since they are not part of the main work of each of the group's authors, such novels ended up being forgotten.

Keywords: Brazilian literature; Detective novel; Serial.

INTRODUÇÃO

A literatura policial é um dos gêneros literários mais lidos em todo o mundo. Quem nunca ouviu falar do detetive Sherlock Holmes, criatura que acabou ficando mais famosa que o seu criador, Conan Doyle? Ou, então, podemos tomar como exemplo Agatha Christie. Popularmente conhecida como “a dama do crime”, a autora é a terceira mais traduzida do mundo, ficando atrás apenas de Shakespeare e da Bíblia. Mas, afinal, o que caracteriza um livro como pertencente a esse gênero detetivesco? E por que ele cativa tantos leitores ao redor do mundo?

Segundo a pesquisadora brasileira Sandra Reimão (1983, p. 5), uma das principais especialistas na área, “Toda narrativa policial apresenta um crime, um delito, e alguém disposto a desvendá-lo.” Esse modelo, de acordo com ela, teve início a partir da publicação de “Os assassinatos da Rua Morgue”, um conto de Edgar Allan Poe, de 1841, no qual também surge o primeiro detetive literário: Auguste Dupin.

Reimão (1983) observa que a literatura policial tem uma forte ligação com o jornal. Uma vez que ela carrega em seu âmago a notícia criminalística. Em especial, podemos pensar em uma conexão com o folhetim, que em sua chegada ao Brasil também era chamado de *fait divers*, expressão de língua francesa que significa, literalmente, “fato diverso”, tendo em vista que a França era a principal referência de cultura para o país no século XIX.

Esses jornais em algumas seções criam e valorizam o chamado “fato diverso”: dramas individuais, via de regra banais, ou então crimes raros e aparentemente inexplicáveis. O desafio do mistério aliado a um certo prazer mórbido na desgraça alheia e ao sentimento de justiça violada que requer então reparos, são basicamente os elementos geradores da atração e do prazer na leitura deste tipo de narrativa. Satisfazendo esses prazeres e, ao mesmo tempo, habituando certo tipo de público à leitura regular dessas narrativas, esses jornais criam condições para o surgimento e divulgação de narrativas

outras que de alguma forma lidam, trabalham, se articulam sobre os mesmos elementos ou elementos semelhantes aos que são articulados por estas narrativas de jornais populares, entre elas o romance policial (REIMÃO, 1983, p. 9-10).

Dado esse envolvimento com a matéria jornalística, é, justamente, no jornal que surge o primeiro romance policial brasileiro: *O mysterio*, de autoria de quatro autores muito importantes para o cenário literário da época: Coelho Neto, Afrânio Peixoto, Medeiros e Albuquerque e Viriato Corrêa. Publicado primeiramente como folhetim, entre março a maio de 1920, o texto fez um sucesso enorme entre o público e também foi bem aceito pela crítica. Dessa forma, mais tarde, foi lançado em livro, pela Editora Monteiro Lobato, respectivamente, com duas edições em 1920 e uma em 1928, somando mais de dez mil exemplares vendidos.

Além da presença de um enigma, que costuma chamar bastante atenção, a boa aceitação do livro, de forma geral, pode ter se dado devido ao fato de que cada um dos quatro autores já tinha a sua carreira consolidada. Ou seja, todos já eram reconhecidos no universo da escrita, o que lhes dava, de certo modo, uma carta verde para o experimentalismo literário. Logo, os leitores ficaram bastante empolgados com a junção de grandes nomes da literatura brasileira assinando a mesma história, e essa “brincadeira” acabou funcionando também como uma abertura para outras produções.

A escrita em conjunto na literatura policial é um exercício muito interessante de ser observado, pois, além de construir um enigma para o leitor, o escritor também precisa desvendar aqueles que foram feitos pelos outros autores do “grupo”, a fim de escrever uma sequência de qualidade para a trama. Tudo isso se configura como um campo bastante frutífero para a imaginação e a criatividade, bem como, para os estudos.

Nesse sentido, posteriormente àquela publicação, com uma dinâmica bastante semelhante, temos *O homem das três cicatrizes*, uma história publicada no Suplemento Letras e Artes, do jornal *A manhã*, em 1949 e *O mistério dos MMM*, no jornal *O cruzeiro*, em 1964, que, mais tarde, foi lançado também em livro.

Em *O homem das três cicatrizes*, o mistério a ser esclarecido gira em torno do passado do personagem João Gabriel, a partir do momento que ele se encontra com um homem que têm três cicatrizes, em uma casa de banhos, e se vê perturbado diante dessa figura. A partir desse episódio, descrito no primeiro capítulo, os demais autores, por meio da criação de novos episódios, personagens e cenas, devem auxiliar os leitores a

desvendar esse primeiro grande mistério: quem seria “o homem das três cicatrizes” e por que ele está atrás de João Gabriel? Teria João Gabriel feito algo a ele? O quê?

Já em *O mistério dos MMM*, o enigma a ser desvendado parte de um assassinato ocorrido no apartamento de um milionário, em Copacabana. As únicas pistas encontradas na cena do crime são cartas, com caligrafias diferentes, que conduzem os investigadores a crer que as cartas são de três diferentes autoras, que têm a mesma assinatura “M”. Desse modo, a proposta inicial é de que três mulheres que enviaram cartas ao proprietário do apartamento, tivessem relação direta com o crime. Assim, a investigação se centra em descobrir quem são elas.

1. JOÃO CONDÉ E A ESCRITA COLETIVA NA LITERATURA POLICIAL BRASILEIRA

Tanto *O homem das três cicatrizes* quanto *O mistério dos MMM* foram organizados por João Condé, um jornalista, escritor e um intelectual notório de seu tempo, que contribuiu significativamente com a historiografia literária da época, especialmente, por seus “Arquivos Implacáveis”. Podemos entender o trabalho de Condé como o de um curador literário, encarregado de levar aos leitores do jornal os grandes nomes da literatura brasileira da época.

A citação a seguir, de Carlos Drummond de Andrade, reflete bem a importância do material organizado por Condé: “Se um dia eu rasgasse meus versos por desencanto ou nojo de poesia, não estaria certo de sua extinção: restariam OS ARQUIVOS IMPLACÁVEIS de João Condé” (ANDRADE, 1949, p. 8-9). Tais arquivos são constituídos por uma multiplicidade de materiais, entre textos literários dos mais diversos gêneros e autores, e fotografias, cartas, entrevistas, entre outros documentos.

De acordo com a também jornalista Fernanda Scalzo (1996), parte da história da literatura brasileira mora nesses arquivos, visto que Condé manteve sua famosa coluna “Arquivos Implacáveis” no jornal *O cruzeiro* por 19 anos, sem contar o tempo em que ela foi publicada no suplemento “Letras e Artes”, do jornal *A manhã*.

Embora reconheça ter *O mysterio* (1920) como referência, a dinâmica dos trabalhos de João Condé não é inteiramente parecida com ele. Enquanto em *O mysterio* tínhamos uma alternância de autoria dos 47 capítulos, divididos entre Afrânio Peixoto

(17), Viriato Corrêa (14), Medeiros e Albuquerque (9) e Coelho Neto (7), tanto em *O homem das três cicatrizes* quanto em *O mistério dos MMM*, cada autor escreve apenas um capítulo e transfere a história para outro escritor, isto é, sem a possibilidade de retornar à escrita após as inserções ou modificações feitas por seus companheiros de ofício. Nesse sentido, as duas narrativas organizadas por Condé contam com 10 autores cada, sendo cada um responsável por um capítulo.

Contudo, importa salientar que, enquanto em *O homem das três cicatrizes* cada autor convidava um outro escritor para escrever ao final do capítulo, dando a entender que houve uma maior liberdade de escolha entre os próprios escritores; em *O mistério dos MMM*, a escolha dos escritores foi definida pelo organizador, João Condé. Como escreve no prefácio “Conversa sobre mistério” presente no livro *O Mistério dos MMM*, Condé “confiou” os capítulos aos escritores que compuseram essa obra. Apesar disso, Condé esclarece que não forneceu “nenhum roteiro” aos autores, viabilizando a liberdade criativa para cada um deles. Nenhum motivo específico é apontado para a escolha de tais escritores, o que nos leva a crer que ela pode ter se dado devido à afinidade entre eles e Condé, bem como ao fato de que todos eles já eram vistos como nomes muito relevantes na literatura nacional.

Em *O homem das três cicatrizes*, o primeiro capítulo é de Fernando Sabino, seguido de Herberto Sales, Adonias Filho, Josué Montello, Dinah Silveira de Queiroz, Marques Rebelo, Lêdo Ivo, Rosário Fusco, Newton de Freitas e José Condé. Em *O mistério dos MMM*, a autoria é dividida entre Viriato Corrêa, Dinah Silveira de Queiroz, Lúcio Cardoso, Herberto Sales, Jorge Amado, José Condé, João Guimarães Rosa, Antônio Callado, Orígenes Lessa e Rachel de Queiroz.

Como podemos perceber, três autores presentes na primeira história também trabalham na segunda, sendo eles: José Condé, irmão do organizador João Condé, Dinah Silveira de Queiroz e Herberto Sales. Também é pertinente apontar a participação de Viriato Corrêa em *O mistério dos MMM*, pois ele foi “um dos quatro” de *O misterio*. Assim, no prefácio do livro, João Condé explica que não é por acaso que Corrêa escreve o primeiro capítulo da trama, uma vez que se trata de uma homenagem aos seus colegas de *O misterio*, pois Medeiros e Albuquerque, Afrânio Peixoto e Coelho Neto já haviam falecido no período em que *O mistério dos MMM* foi publicado.

Apesar de singular a tentativa de inserir o gênero policial no contexto da literatura brasileira por meio de uma proposta de escrita colaborativa, esses textos foram legados ao esquecimento. Concordamos com Sérgio Freitas (2016), que ao analisar *O mistério da estrada de Sintra*, outro texto do gênero policial produzido de forma conjunta por dois escritores portugueses, Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão, reconheceu que o apagamento de determinados textos do aporte “maduro” de grandes nomes da literatura se deve, em parte, pela caracterização desses textos em gêneros considerados “inferiores” pela crítica e história literárias, especialmente no contexto luso-brasileiro. É o caso da literatura policial:

Obras de ficção policial e de mistério não estão listadas nos vultosos levantamentos históricos da literatura lusófona feitos por Antônio Candido, Alfredo Bosi, Wilson Martins, António José Saraiva e Óscar Lopes. Quando muito, essas obras são colocadas em notas de rodapé ou brevemente mencionadas como uma experiência da juventude, mais adepta das temáticas obscuras. Uma pena, pois tais textos muito teriam para enriquecer o debate da formação, tanto das literaturas nacionais quanto de seus autores (FREITAS, 2016, p. 119).

Assim como *O mistério da estrada de Sintra* não faz parte da obra aclamada de Eça de Queiroz, *O mistério dos MMM*, que agrega autores tão reconhecidos pelo cânone literário brasileiro, pode ser considerada pela crítica como uma mera experiência de autores, como Jorge Amado, Guimarães Rosa e Rachel de Queiroz. O que se dirá de *O homem das três cicatrizes*, que não passou de folhetim, talvez por ter sido escrito por nomes também esquecidos de nossa história literária.

No entanto, apesar dessa exclusão do cânone nacional, percebemos o caráter inovador das propostas literárias de João Condé. Ele conseguiu captar o potencial de uma escrita colaborativa, tema que ainda hoje não é muito explorado/aproveitado. Embora tenhamos conseguido encontrar muitos textos ficcionais de diversas vertentes que sejam fruto de uma parceria entre dois ou mais autores, como os já apontados *O homem das três cicatrizes*, *O mistério dos MMM*, *O mysterio* e *O mistério da estrada de Sintra*, não temos trabalhos acadêmicos que explorem esse gesto literário e, com isso, muitas questões permanecem sem respostas.

A escrita colaborativa observada aqui se constitui a partir de dois pontos, sobretudo. Em um primeiro momento, vemos que cada autor pode inserir ou excluir personagens, trazer situações ou modificá-las, explicar, resolver ou complicar enigmas...

Isso tudo possibilita a ele certa liberdade para manter as características de sua escrita. Entretanto, em um segundo olhar, percebemos também que essa escrita trabalha em prol de algo maior, que é a continuidade e a significação do romance. Desse modo, a escrita colaborativa não exclui a individualidade, mas acopla. Isto é, o indivíduo escritor não se apaga para junto com o outro construir um novo estilo, cada um mantém o seu. O que ocasiona em um livro multifacetado e mais amplo.

Notamos ainda que os romances policiais atuais se caracterizam como desdobramentos das histórias folhetinescas, que, por sua vez, visavam ampliar os relatos policiais rasos do jornal. Portanto, ao pensarmos na gênese do gênero policial, é imprescindível considerar o artefato jornalístico.

Nesse contexto, outro elemento muito comum às notícias de crimes é o sensacionalismo, que segundo o historiador Boris Fausto (2019) se solidificou no Brasil no início do século XX, justamente, por meio dos folhetins. Contudo, embora o sensacionalismo fosse bastante eficaz para a imprensa, no que condiz a capturar a atenção do público leitor, a literatura não era um campo muito frutífero para ele, visto que, em sua maioria, as histórias literárias eram estritamente ficcionais.

Para tanto, o romance de folhetim buscou por outros recursos para “competir” com o sensacionalismo dos crimes reais e assim constrói uma técnica que é, inclusive, usada até nos dias de hoje, tanto nos romances policiais como pelo cinema, sobretudo em séries, minisséries e seriados: o *cliffhanger*, ou gancho. Ele consiste em deixar um mistério ao final do capítulo, a fim de envolver o leitor na trama, despertando seu interesse para o capítulo seguintes.

Nos folhetins, é claro, isso se sustentava especialmente por fins comerciais, uma vez que se o leitor ficasse muito curioso e ansioso para ler a continuação da história, a probabilidade de ele comprar o folhetim da semana seguinte era maior. Não obstante, em séries, minisséries e seriados, observamos essa recorrência com uma intenção parecida: a de fazer com que o espectador continue acompanhando a trama.

Contudo, além dos fins comerciais, essa técnica também permite algumas aberturas para o leitor/espectador, para que ele participe da história, atribuindo significados a ela, uma vez que, ao ser apresentado a uma sequência de enigmas, esse leitor é colocado em uma posição semelhante à do detetive. Dessa forma, o *cliffhanger*

faz com que ele atue de maneira mais ativa na construção do sentido da narrativa, aflorando sua imaginação.

2. O LEITOR COMO COAUTOR

Com base em Hans Robert Jauss (1979), Antonio Candido (2000), ao historicizar a gênese da literatura brasileira, em seu livro *Formação da Literatura Brasileira*, concebe a literatura como um “sistema” construído pela “existência do triângulo ‘autor-obra-público’, em interação dinâmica” (CANDIDO, 2000, p. 15-16). Nesse sistema, temos um jogo entre quem escreve (autor), quem lê (leitor) e o mecanismo transmissor (linguagem traduzida em estilos: a obra).

Jauss (1979) foi um dos primeiros a defender o leitor como um elemento essencial no sistema literário. Para ele, o leitor é uma peça dinâmica no jogo literário, visto que “a experiência primária de uma obra de arte realiza-se na sintonia com seu efeito estético na compreensão fruidora e na fruição compreensiva” (JAUSS, 1979, p. 69). Isso supõe que um texto literário é significado a partir da participação do leitor, da sua experiência estética e interpretativa ao se transportar para dentro da obra por meio da leitura.

A tríade autor-obra-leitor parece muito simples de ser entendida ao pensarmos na escrita literária tradicional, na qual temos apenas um autor. Mas textos como *O homem das três cicatrizes* e *O mistério dos MMM* exigem uma reflexão mais complexa, pois podemos dizer que são obras cujo processo de composição foi instituído primordialmente por mais leitores do que autores. Apenas um autor foi primário, no sentido de ser quem dá a partida no jogo. Em *O homem das três cicatrizes*, esse pontapé foi dado por Fernando Sabino, e em *O mistério dos MMM*, Viriato Corrêa deu o primeiro lance. Os demais são antes leitores: devem ler os capítulos anteriores ao que irá escrever para só então poder contribuir enquanto autores. Embora cada um seja livre para escrever a sua parte, bem como para inserir ou retirar determinados personagens, e para complicar ou esclarecer determinados enigmas, vemos que dois autores em específico detêm certo “poder” a mais: o escritor do primeiro capítulo, pois é ele quem dita o mote inicial, e o do último, pois é ele que decide o rumo final.

Interessante notar que essa mecânica leitor-autor no processo de escrita foi uma prática experimentada justamente na literatura policial brasileira. O leitor-autor é também um detetive, pois precisa desvendar os mistérios deixados pelos outros autores. Contudo, essa é uma escrita do imprevisível. Nada garante que a sequência que um autor dará é a imaginada pelo autor anterior. E é nesse sentido que podemos observar, de forma direta, um diálogo intertextual entre autores: diferentes vozes e formas de pensar a criação ficcional.

A intertextualidade, entendida a partir do dialogismo bakhtiniano por Julia Kristeva, define que “todo texto é absorção e transformação de textos” (2012, p. 142). Vista como a “memória da literatura”, por acarretar “a retomada, a adaptação de um mesmo assunto a um público diferente” (SAMOYAUULT, 2008, p. 75), a intertextualidade enquanto prática dialógica é instituída primordialmente pelo processo do autor enquanto leitor. Nesse sentido, a própria metodologia de escrita coletiva de *O homem das três cicatrizes* e *O mistério dos MMM*, que acontece de forma explicitamente dialógica, é uma prática intertextual, haja vista que “ler, além de estimular e alimentar o sonho de escritor, também influencia o texto em si, a escrita pode vir a ser uma reprodução do que é lido ou uma resposta” (SOUZA, 2012, p. 120). Nesses textos, cada autor tem a oportunidade de ler e responder pontualmente ao anterior, de modo que faz um complemento direto à sua escrita.

Essa escrita dialógica ocorre em *O homem das três cicatrizes* e *O mistério dos MMM*, de forma explícita e contínua. Cada um dos dez autores que compõem os dez capítulos das obras aborda suas ideias criativas e sua forma de apresentá-las (sua poética) de um jeito diferente, mas que, ao final, dialogam e se encerram em um mesmo plano, com um mesmo objetivo: entregar aos leitores a construção e a resolução de um mistério.

Os arquivos de João Condé controverteram a escrita tradicional e inovaram o gênero policial no contexto brasileiro. Essas duas homenagens ao primeiro romance policial brasileiro, *O misterio*, que também foi escrito de forma dialógica, valorizaram esse gênero, mostrando que é possível um romance policial “à brasileira”. Compostas por grandes escritores do cenário brasileiro, essas obras nos mostram que a própria criação literária é um mistério: para cada escritor, o enigma da leitura e da escrita é ser desvendado de uma maneira.

Não obstante, na apresentação de *O mistério dos MMM*, com sua frase final “E vamos ao espetáculo”, João Condé demonstrou já saber precisamente que a reunião de tais escritores só poderia resultar em uma escrita intrigante e instigante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura de *O homem das três cicatrizes* e de *O mistério dos MMM* nos permite ter contato não apenas com grandes histórias policiais, como também com o pensamento de toda uma sociedade brasileira, no contexto do despontar da modernidade em território nacional e de todas as suas transformações urbanas, tecnológicas e culturais. Embora cada autor mantivesse o seu estilo de escrita, todos eles viviam na mesma época, o que fazia com que refletissem sobre muitos temas em comum.

Desde o primeiro capítulo de *O homem das três cicatrizes*, de autoria de Fernando Sabino, observamos um cenário de urbanização, o *zeitgeist* da época, visto que o protagonista, João Gabriel, é atraído a uma sala de banhos por um *outdoor* que ele vê na rua. Nessa passagem, conseguimos notar as mudanças que aconteciam no mundo ingressando na literatura, no modo pelos quais os personagens são construídos e nas situações que atravessam seus caminhos.

Mesmo assim, é indispensável, ainda, apontar que, embora as duas narrativas apresentem todos esses questionamentos e panos de fundos do contexto do Brasil do século XX, elas não fogem de alguns aspectos recorrentes na literatura policial mundial, como as críticas ao sistema falho, o que faz com que inúmeros casos sejam arquivados sem resolução. Nas duas narrativas, vemos uma equipe policial que lida com os crimes com descaso, sem dar a devida atenção aos depoimentos de testemunhas e às pistas. É notório que os enigmas acabam se resolvendo mais por aspectos circunstanciais e pelo esforço de envolvidos e prejudicados nos casos do que por ações policiais.

Outra questão destacada é a da influência da mídia, seja no andamento dos casos, pois, sob a pressão ocasionada pela sua vigilância, a polícia se dedicava mais à investigação, ou ainda, no direcionamento - ou na manipulação - da opinião pública. Ambas as histórias visam expor esse poder que a imprensa começava a utilizar e que ainda não era um alvo de discussão na época. Dessa maneira, também contribuem para uma reflexão sobre os meios de comunicação e suas responsabilidades sociais.

Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Os arquivos implacáveis de João Condé*. São Paulo: Jornal *A manhã*, 1949.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. Momentos decisivos. (1750-1836). 1º volume. 9ª ed. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Itatiaia Ilimitada, 2000.
- CONDÉ, João (org.). *O mistério dos MMM*. 2. ed. São Paulo: Ediouro, 2004.
- CONDÉ, João (org.). O homem das três cicatrizes. *Jornal Letras e Artes*. São Paulo: 1949.
- FAUSTO, Boris. *O crime da Galeria de Cristal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- FREITAS, Sérgio Luiz Ferreira. Detetive por acidente: o lugar da lógica e da imaginação em *O mistério da estrada de Sintra*. *Revista Desassossego*, v. 8, n. 16, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/desassossego/article/view/116652>. Acesso em: 05 fev. 2022.
- JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. In: LIMA, Luiz Costa. *A Literatura e o leitor: textos de estéticas da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 43-61.
- KRISTEVA, Julia. *Introdução à Semanálise*. Trad. Lucia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- NETO, Coelho; PEIXOTO, Afrânio; ALBUQUERQUE, José Joaquim Medeiros e; CORRÊA, Viriato. *O misterio*. 3. ed. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1928.
- POE, Edgar Allan. *Contos de imaginação e mistério*. Tradução de Cássio de Arantes Leite. São Paulo: Tordesilhas, 2015.
- REIMÃO, Sandra Lúcia. *O que é romance policial?* São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SAMOYAULT, Tiphaine. *A intertextualidade*. Trad. Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.
- SOUZA, Wender Maciel Leite. *A literatura como diálogo: um percurso histórico do intertexto*. In: IX Seminário Internacional de História da Literatura, 2012, v. 9. Porto Alegre: EDIPUC-RS, 2012. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/Ebooks//Web/978-85-397-0198-8/Trabalhos/110.pdf> Acesso em: 09 fev. 2022.

SCALZO, Fernanda. *História da literatura mora nos "Arquivos Implacáveis"*. São Paulo: Folha de S. Paulo, 1996. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/3/21/ilustrada/1.html>. Acesso em: 13 jan. 2022.

Recebido em: 10/02/2022

Aceito em: 18/04/2022